

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DOS VIDROS ANTIGOS. CONTAS DE PASTA VÍTREA POLICROMA DESIGNADAS CONTAS "AGRI", CONTAS DE "ROSETA", DE "ASNAS" OU DE "ESTRELA".**

HAEVERNICK, Thea Elisabeth

Ano: 1964 | Número: 74

---

## Como citar este documento:

HAEVERNICK, Thea Elisabeth, Contribuição para a história dos vidros antigos. Contas de pasta vítrea policroma designadas contas "agri", contas de "roseta", de "asnas" ou de "estrela". *Revista de Guimarães*, 74 (3-4) Jul.-Dez. 1964, p. 290-316.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Contribuição para a história dos vidros antigos (\*)

Contas de pasta vítrea policroma, designadas contas «agri», contas de «roseta», de «asnas» ou de «estrela».

Pela DR.<sup>a</sup> THEA ELISABETH HAEVERNICK  
Do Museu Central Romano-Germânico de Mainz (Alemanha).

---

É de estranhar que exista um certo tipo de contas de colar, de vidro, constantemente citadas nos textos da especialidade por designações diversas, sem que os autores de publicações antigas, dignas de inteira confiança, a elas se hajam referido. Há muitos anos que me vem preocupando mais ou menos o problema das chamadas contas «agri» serem ou não antigas. Embora os verdadeiros peritos no assunto nunca tenham aprofundado este caso, o que é de lamentar — pois tanto pré-historiadores como arqueólogos o têm tratado superficialmente, nada mais lhes havendo merecido do que simples referências à margem — não há, de facto, espécie alguma de contas de vidro que tanto tenha chamado a atenção da literatura da especialidade como as contas «agri».

---

(\*)—Este estudo, cuja versão portuguesa inserimos hoje na «Revista de Guimarães», foi publicado pela Senhora The Elisabeth Haevernick, Assistentin am Römisch-Germanischen Zentralmuseum Mainz, no «Jahrbuch» do referido Museu correspondente ao ano de 1961. O artigo, que é uma valiosa contribuição para a história dos vidros antigos, versa sobre o debatido problema da cronologia de certas contas de colar policromas, consideradas de relativa antiguidade, e intitula-se, no original alemão, «Die Aggryperlen = Chevron pattern beads = Rosettaperlen = Star-beads». Encontram-se estas características contas de pasta vítrea em numerosos museus e colecções estrangeiras, possuindo também alguns museus portugueses (entre os quais o da Sociedade Martins Sarmento) vários exemplares. Como a «Revista de Guimarães» já em 1955 (vol. LXV, pp. 133-144) inseriu três trabalhos sobre este curioso assunto, julgamos de manifesto interesse para os estudiosos portugueses, sobretudo para os etnógrafos, dar publicidade à presente tradução autorizada pela Senhora Haevernick, atendendo ao valor do seu estudo para a solução de tão importante problema de cronologia e de localização dos centros de fabrico e de expansão das referidas contas. (Nota da Redacção).

Para uma investigação acerca deste tipo de contas de colar, torna-se indispensável, em primeiro lugar, chegar a um acordo acerca do modo como devemos interpretar a sua designação. É evidente que várias notícias vindas a lume no decorrer do tempo aludem por vezes a tipos de contas completamente diferentes destas, as quais portanto não oferecem entre si a menor comparação possível. A conta «agri» clássica (Est. I-1,2) apresenta sempre uma forma cilíndrica alongada, com as extremidades facetadas em bico. É sempre formada por várias camadas vítreas sobrepostas, predominando a cor azul, por vezes a verde, o branco leitoso e o vermelho. É característica e inconfundível.

A atenção que tais contas tem despertado deriva principalmente do facto de muitas vezes elas serem de grande tamanho e apresentarem um brilhante colorido.

O nome de «agri» (\*), que tem sido dado a estas contas, provém de uma palavra africana parecida — *akorie*, mais ou menos compreensível, acerca da qual autores categorizados se tem ocupado (1). Nos textos ingleses da especialidade alude-se também muitas vezes às *chevron pattern beads* ou *star-beads*, e na Alemanha às *Rosettaperlen*, designações estas todas referentes a este mesmo tipo de contas. Se o modo de fabrico, como O. TISCHLER o descreve no seu magnífico estudo (2), ainda hoje tão actual mas infelizmente tão pouco conhecido, era ou não realmente exacto, ignoramos. Seria talvez missão dos etnógrafos ocuparem-se deste assunto. Terá havido possivelmente, como acontece com frequência com os objectos de vidro, vários métodos de fabrico destas contas (3).

---

(\*) O original alemão deste artigo usa a grafia «Aggry», outros autores escrevem «aggrü» (J. E. Price) e «agrië» (R. Mauny). Nesta tradução adoptou-se a forma ortográfica correspondente, «agri», que supomos foneticamente idêntica. (Nota da Redacção).

(1) C. H. READ, «A necklace of glass beads from West Africa», *Man* 5, 1905, pp. 1 ss., apenas no que diz respeito ao nome. — A. W. CARDINALL, «Aggry beads of the Gold Coast», *Journal of the African Society* 24, 1924-25, pp. 287 ss. — P. REINECKE, «Das Alter der Aggryperlen», *PZ* 20, 1929, 278.

(2) O. TISCHLER, «Über Aggry-Perlen und über die Herstellung farbiger Gläser im Altertum». *Schriften der physikalisch-ökonomischen Gesellschaft zu Königsberg* 27, 1886, Sitzber. 5-15 (1887).

(3) O Sr. KUTTIK, de Neu-Gablonz, teve a amabilidade de comunicar-nos que as «Millefioristäbchen» (Varetas *millefiori*) se compram actualmente, já prontas, em Murano. Como mostra

Passemos uma rápida vista de olhos sobre a história das várias opiniões emitidas acerca delas, realmente curiosas e por isso mesmo tão atraentes.

Um dos primeiros autores (1852) que parece ter-se ocupado das contas «agri» foi Akermann (1). Refere-se ele a uma conta encontrada no Tamisa, junto da London Bridge, que compara com outra pretensamente igual de Caerleon, e afirma que tal espécie é frequente no Reno, existindo especialmente nos museus de Mannheim e de Baden. Isto pode ter sido um lapso, isto é, ele comparar espécies de contas que nada tenham a ver umas com as outras. Mas embora não haja a certeza de que as contas em questão fossem realmente do tipo das de aqueles museus que cita, pois a gravura que lhes diz respeito só contém a legenda—«Pfahlbauperlen» (contas procedentes de habitação lacustre), contudo já Troyon em 1860 (2) afirmou, e parece que com geral aceitação: «em sepulturas do Canadá e de Nova York encontraram-se as mesmas contas que no nosso país». Segundo cremos, tratar-se-ia realmente de contas do tipo «agri».

Em 1874 surge de novo uma afirmação semelhante, quando Lubbock (3) diz, referindo-se a MORLOT: «supõe ter descoberto vestígios do comércio fenício na América, de contas de vidro, por exemplo», (fenício-normandas). Mas logo Frank contestou tal afirmação alegando serem contas dos séculos xv ou xvi, e de origem veneziana.

---

a Est. I, 4, ainda hoje se fábrica o modelo «agri» e com as mesmas cores das primitivas contas. A reprodução das varetas foi feita na oficina do Snr. MITLEHNER em Neu-Gablonz. Para termos uma noção do modo de fabrico destas varetas, e como não nos era possível visitar qualquer das oficinas de Murano, observámos o fabrico de «rocks», bombons de forma «millefiori». Num gesto digno de agradecimento, a fábrica de chocolates *Piasten*, de Forchheim, ofereceu-se para nos mostrar a técnica dos seus produtos, Est. I, 5. O modo de trabalhar o material das contas não deveria ser muito diferente deste.

(1) AKERMANN, J. Y., «Remarks on a coloured drawing of some beads», *Archaeologia* 34, 1852, 47 Est. V, 9 e 10.

(2) TROYON, F., *Habitations lacustres des temps anciens et modernes* (1860).

(3) LUBBOCK, J., *Die vorgeschichtliche Zeit erläutert durch die Überreste der jetzigen Wilden*. Versão alemã de A. PASSOW com prefácio de R. VIRCHOW, Jena 1874, 66.

Em 1874 era usado por um príncipe achanti um bracelete de ouro do palácio real de Coomassie, do qual pendiam contas «agri», e que, sem dúvida alguma, não era considerado antigo (1).

Em 1877 S. S. HALDEMAN (2) fez uma revisão de todas as contas que conhecia. Verificou que a sucessão das cores era sempre igual, de dentro para fora: azul-branco-vermelho-branco-azul (ou verde em vez de azul), mas não se apercebeu das camadas intermédias incolores. Procurou descobrir diferenças no feitio dessas contas, entre as que ele próprio possuía, de Veneza, e as provenientes das sepulturas americanas, concluindo por atribuir a estas últimas maior antiguidade. Evidentemente que as contas procedentes daquelas sepulturas são mais antigas do que as dos tempos modernos de Veneza. Mas não antigas em rigorosa acepção, visto que só podem datar de uma época posterior à conquista da América. HALDEMAN considerou as contas americanas como de origem veneziana. Parece, contudo, que nem ele próprio conseguiu diferenciar com precisão os diversos tipos de contas, pois incluiu naquele mesmo grupo contas com riscas, cuja origem de Amsterdão J. V. D. SLEEN recentemente demonstrou com clareza (3). O que se pôde concluir é que já anteriormente a 1608 tinha existido um movimento comercial em Susquehanna. DE SOTO (4) encontrou em 1540 contas europeias na posse dos indígenas americanos.

No mesmo ano (1877) analisa J. BRENT todas as contas que conhece (5). Uma delas, considera-a egípcia e todas as restantes, por datas, supõe-nas imitações posteriores e chega mesmo a admitir que, ainda no seu tempo,

---

(1) *Archaeological Journal* 31, 1874, p. 302.

(2) HALDEMAN, S. S., «On a polychrome bead from Florida», *Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution for the Year 1877* (Washington 1878) pp. 303 ss. e apêndice.

(3) B. VAN DIJK, «De wetenschap van de asbelt» (J. VAN DER SLEEN) *Panorama* 48, 1961 n.º 10-11, Haarlem, p. 40.

(4) *Antiquities of the Southern Indians* (1873 p. 235.

(5) BRENT, J., «On glass beads with chevron patterns», *Archaeologia* 45, 1877 (1880) 297-308. A conta «agri» que, segundo consta, deve provir de um túmulo viking, de Islay, Hébridas (W. CAMPBELL, em *Proceedings of Ant. Scotland* 1879-80 II, 67) pode ser posta de parte, visto que este nome foi ali atribuído indistintamente a quaisquer contas.

elas se fabricavam em Inglaterra com destino à exportação. Menciona a existência na Slade Collection de uma série de exemplares de Veneza. Infelizmente não pôde visitar essa Colecção e, portanto, não conseguiu verificá-la. Nota que na Normandia, junto do Sena, não existe esse tipo de contas, tão pouco nos museus de Saint-Germain-en-Laye, Lyon, Nimes e noutras partes da França. Só no Louvre é que identificou o tal exemplar «egípcio», que deve pertencer à colecção de Clot-Bey. (Conforme geralmente se nota com respeito aos vidros antigos, os lugares dos achados destas colecções, parecem ter sido, na maior parte das vezes, indicados arbitrariamente pelos comerciantes).

Finalmente BRENT admira-se de estas contas terem sido quase todas encontradas isoladamente.

Diz KNOWLES (1) que não se conheciam na Irlanda, no seu tempo (1881), quaisquer contas desta espécie.

Seguindo a ordem cronológica (1882), temos de mencionar, nesta altura, um trabalho de MERENSKY (2), no qual apresenta um relatório, com desenhos, acerca de diversas contas, entre as quais incluiu talvez as do tipo de que nos estamos ocupando, e afirma que já no século XVIII elas eram valiosas e raras na Costa do Ouro, e que BOWDICK (3) lhes chamava «agri». Analisado, sob o ângulo dos nossos conhecimentos actuais, o relatório de MERENSKY é um misto de observações justas e interessantes, e de comparações todavia já ultrapassadas. Parece-lhe assombroso, por exemplo, que os indígenas africanos reconheçam todos os exemplares considerados falsos. A nós, quer-nos parecer muito mais estranho que, ainda hoje, as contas «agri» se possam ter como antigas, pois supomos que, entretanto, já nos deveremos considerar suficientemente esclarecidos. Se tivermos na nossa frente uns milhares de contas, podemos facilmente compreender a razão por que nenhum indígena africano se deixa enganar, tão evidente é o tipo destas de que nos estamos ocupando. Todavia

(1) KNOWLES, J. W., «Ancient irish beads and amulets», *Journal of the royal historical and arch. Ass. of Ireland* 5, 1881, 522.

(2) MERENSKY, «Über die alten Schmuckkorallen der afrikanischen Völker», *ZfE.* 14, 1882 (543).

(3) BOWDICK, *Mission to Ashanti*, Londres, 1819.

MERENSKY deixa em suspenso, apesar de tudo, se as contas «agri» serão ou não de fabrico «fenício».

Também PRICE (1883) (1) dá a perceber grande confusão e apresenta os mais estranhos estratagemas em defesa da origem antiga das contas «agri». Mas, como o seu trabalho contém igualmente coisas interessantes, a sua leitura é proveitosa; menciona, por exemplo, que o valor das contas de vidro em alguns países africanos foi tão elevado que estas chegavam a trocar-se por duas vezes e meia o seu peso de ouro em pó, ou inclusivamente por vários escravos. Devido à vulgaridade actual dos objectos de vidro, perdemos a noção do imenso valor mágico que nos tempos antigos teriam estas contas, valor que entre os povos primitivos se manteve até à actualidade.

Em 1885 retoma R. ANDRÉE (2) a questão das contas «agri» e desenvolve raciocínios que dificilmente se podem aceitar. Mas é motivo de satisfação vermos que BASTIAN (3) se manifestava de um modo simples e reflectido, dizendo que a discussão e a controvérsia já vinham de longe, mas que novos achados em Luanda e no interior do Brasil tinham vindo confirmar serem as contas «agri» europeias, ou mais precisamente, de origem veneziana.

Pouco antes da comunicação de TISCHLER, descreve J. PARK HARRISON (4) um grande achado de «Sonnen-Perlen» (contas do sol) em Minster, considerando-as semelhantes às «agri», discutindo-se então se não seriam romanas e — o que é mais interessante — se não poderiam provir todas de um único centro de fabrico. Devia, portanto, ter sido flagrante a sua semelhança. No ano seguinte (1887) aparece então o extenso e minucioso artigo de OTTO TISCHLER (5), que esclareceu toda a questão. A sua descrição da técnica de fabrico não cor-

(1) PRICE, J. E., «On aggrri beads», *The Journal of the anthropological Institute of Great Britain and Ireland* 12, 1883, pp. 64 ss..

(2) ANDRÉE, R., «Aggryperlen», *ZfE* 17, 1885, pp. 110 ss. e p. (373).

(3) Ver nota anterior (374).

(4) «Proceedings at Meetings of the Institute», *Arch. Journal*, 43, 1886, 181.

(5) Ver nota 2 de p. 291.

responde inteiramente à realidade; contudo, através dela, nota-se o perspicaz observador que aliás não dispunha praticamente de qualquer experiência técnica. Mas todo o artigo é tão claro, evidente e completo que, desde 1887, o problema das contas «agri» deve considerar-se como totalmente resolvido. TISCHLER apresenta uma série de citações e chama a atenção para a importância decisiva que têm os achados americanos. Diz ele: «Outrora consideravam-se produtos do antigo Egipto e atribuíam-se a sua expansão ao comércio marítimo dos Fenícios, opinião que naturalmente foi posta de parte pela descoberta dos achados ocorridos na América... Não se encontrou nas inúmeras sepulturas, cuidadosamente pesquisadas na Saxónia, na Francónia, etc., nem sequer uma única conta que tenha a mais ligeira semelhança com as contas «agri» em questão. A única semelhança é serem todas contas» (1). Nunca é demasiado sublinhar este último período, pois pode aplicar-se não só às contas «agri», mas também a muitas outras na realidade antigas, que acidentalmente se comparam com aquelas sem qualquer discriminação, e que, por isso mesmo, levam às mais estranhas conclusões. Segundo o exame microscópico de TISCHLER, que aliás já não responde, naturalmente, às exigências actuais, verificou-se a impossibilidade de estas contas terem origem «egípcia» ou «fenícia». É fora de dúvida, portanto, que hoje, por métodos mais modernos, se pudesse chegar a um resultado contrário (2). TISCHLER frisou que são tantas as sepulturas conhecidas do 1.º milénio a. C., de onde se exumaram milhares de contas, que uma ou outra conta do tipo «agri» lá deveria surgir, se estas fossem realmente antigas. E demonstra que tais contas têm forçosamente de ser venezianas. O Antiquarium de Berlim (N.º 5860) e o Museu de Arte e Indústria, da mesma cidade (Est. II, 1), possuem vasos contendo algumas pequenas aplicações de ouro, que eram empregadas no século xv como *semés d'or*, e que desapareceram no

---

(1) TISCHLER, *op. cit.* 9.

(2) Não se percebe o que pretenda significar a gravura das contas «agri», radiografadas, no *Bulletin de la Soc. française d'Égyptologie*, n.º 21, 1955, 40.



século XVI. De modo que, por meio delas, pôde também fixar-se a data desses vasos, e seguramente o começo das próprias contas «agri». Mencionam-se designadamente as datas de 1486 e 1500 como limites do principal fabrico de contas em Veneza e, por isso, este período pode igualmente aplicar-se às contas «agri» (1). TISCHLER é de opinião que o seu fabrico cessou no século XVI. Esta afirmação é exacta na medida em que se refere ao fim das autênticas contas «agri», de superfícies polidas. Seria trabalho próprio para um etnógrafo apresentar a prova de tal afirmação. Segundo TISCHLER, as contas perderam a sua auréola mística, mas o seu interesse não diminuiu. «Elas revelam um período pouco remoto, mas nem por isso menos obscuro» — assim pensou TISCHLER, e com razão.

Continuemos, porém, a nossa rebusca bibliográfica. Em 1900 fala-nos DELAFOSSE (2) de construções postas a descoberto em Baloulé, na «Montagne des Perles», que atribui ao século XIV, considerando que todas as contas ali encontradas devem ser egípcias. Não se sabe ao certo se ele quis referir-se às contas «agri». A data atribuída também seria demasiado recuada.

SCHWEINFURTH (1902) (3) afirma não existirem contas egípcias em África. Ocupa-se então P. STAUDINGER do assunto mas de um modo infeliz. Impellido pela vaidade e desejoso de desempenhar, fosse como fosse, um papel de destaque, contradiz SCHWEINFURTH, sem contudo apresentar qualquer coisa de essencial resultante de um conhecimento fundamentado.

A. BAILO (4) é de opinião que se deviam atribuir as contas ao século VI de J. C., e que serviriam de adorno aos Godos em Itália.

A. W. NIEUWENHUIS (5) (1905) dá algumas indicações interessantes acerca do significado das contas para

(1) TISCHLER, *op. cit.*, 14.

(2) DELAFOSSE, M., «Sur des traces probables de civilisation égyptienne et d'hommes de races blanches à la Côte d'Ivoire», *L'Anthropologie*, 11, 1900, pp. 677 ss.

(3) *ZfE*, 35, 1903, 797.

(4) BAILO, A., «Színes gyöngyök», *Arch. Értésítő*, 24, 1904, p. 444.

(5) NIEUWENHUIS, A. W., «Kunstperlen und ihre kulturelle Bedeutung», *Internationales Archiv f. Ethnographie*, 16, 1904, pp. 136 ss..

os povos primitivos, mas chega à conclusão de que as contas com ornatos — incluindo evidentemente as «agri» — são todas tão semelhantes que não se podem distinguir, e por isso se tornava impossível determinar a sua origem.

E. DILLON (1) dedicara-se muito ao estudo do vidro e das contas, antes de publicar o seu livro «Glass», no qual afirma peremptoriamente que as contas «agri», que reproduz, são venezianas.

A. KISA (2) define em 1908 novamente, e com acerto, as contas «agri», atribuindo-as a Veneza e fazendo notar que já Minutoli (3) tinha posto em dúvida a sua antiguidade, confirmando as afirmações de A. FRANK, do Kensington Museum, de Londres, e as de TISCHLER.

Com certo esforço tenta J. DAHSE (4) refutar a origem veneziana das contas (e portanto a data que lhes é atribuída), contrariando as opiniões de BASTIAN e SCHANZ. Apresenta análises químicas feitas na Sorbonne, que segundo ele provariam a grande antiguidade destas contas, uma vez que a cor e a espécie do vidro são iguais às do velho Egipto e da Assíria. Uma discussão bastante interessante e à qual pouca importância se tem dado, começa em 1914 e prolonga-se até 1924 em pequenos artigos. Analisemo-la (5).

Diz respeito a achados de contas «agri» em Thuringer Rennstieg. As primeiras verificadas são do ano de 1834. Realizou-se em 1910-11 uma «Exposição de trabalhos antigos e modernos de contas de vidro», no *Landes-gewerbemuseum* de Stuttgart, na qual se procedeu a uma

(1) DILLON, E., *Glass* (Londres 1907) Est. XV. 2.

(2) KISA, A., *Das Glas* 1 (1908), 134.

(3) v. MINUTOLI, H. C., *Über die Anfertigung und die Nutzanwendung der farbigen Gläser bei den alten Römern* (Berlim, 1836).

(4) DAHSE, J., «Ein zweites Goldland Salomons». Cap. 7: Spuren uralten Seeverkehrs I: die Aggry-beads. *ZfE.* 43, 1911, pp. 46 ss..

(5) PUSCH, «Aggryperlen vom Rennstieg». *Das Mareile* I, 9.ª série, 1914, 102. — H. MAHR, «Die Venezianer im Masserberger Forste». *Das Mareile* I, 10.ª série, 1916, p. 42. — L. GERBING, «Venezianer in Thüringen?» *Das Mareile* II, 10.ª série, p. 1917. — E. DÖRING, «Beiträge zur Geschichte der (Aggry) Perlenfunde auf d. Thüringer Walde». *Das Mareile* 3, 12.ª série, 1923, p. 97 e p. 109. — IV, 12.ª série, 1924, p. 114.

análise química que provou conterem estas contas chumbo, cobalto, ferro e zinco; e, de cobre, «nem sequer vestígios».

Há notícia de que, na floresta de Masserberg, na área de Curtsloch, e noutros lugares foram encontrados restos de fabrico do vidro (vasos de barro à prova de fogo, escórias de vidro, etc.) mas não se conhece notícia alguma acerca da existência nesses locais de vestígios de construções para a fundição do vidro. Talvez aqueles restos sejam anteriores a 1646 e, assim, voltou-se de novo à teoria veneziana: os Venezianos, segundo a tradição, devem ter pesquisado ouro. Mas em todos os lugares onde os nomes *Wälsche*, *Walchen*, etc., se conservaram, está provado que nunca lá existiu ouro, mas sim matéria-prima própria para o fabrico do vidro, e são regiões de floresta — o que tornava os locais mais escondidos, situação importante para os fabricantes venezianos, se realmente se tratava de tal indústria.

As autênticas contas «agri» foram várias vezes encontradas na floresta de Lassmann, em Neudecke e Ebertsberg, locais bastante próximos de Neustadt-am-Rennstieg. É interessante notar que em dada ocasião se aludiu a determinada descoberta de sessenta exemplares e noutra a trinta e nove, quando é certo que, na maioria dos casos, estas contas aparecem isoladamente.

Diferem muito na forma e no tamanho, embora sejam todas autênticas contas «agri». Também se encontram entre elas exemplares imperfeitos que indicam imediatamente o local da sua origem. As «varetas de vidro» (*Glasstäbchen*) atrás mencionadas, que lhes andam ligadas, não aparecem actualmente. Há mesmo quem afirme que da oficina de Fehrenbach se enviavam de há muito estas contas para a África. No entanto esta afirmação só deve ser aceite com reserva.

A. W. CARDINALL refere-se de um modo muito interessante <sup>(1)</sup> às contas «agri». Este autor pende manifestamente para o lado etnográfico, mas certamente não compulsou toda a confusa bibliografia sobre o assunto. Escreve ele que é completamente aceite que as contas provêm de Veneza, e que o equívoco nascera evidentemente

(1) Ver nota 1 de p. 291.

de qualquer confusão entre as palavras «fenícios» e «venezianos». Mas que, de resto, a palavra «agri» adoptada para a designação destas contas, não era empregada pelos indígenas da Costa do Ouro, a que ele alude.

Como exemplar merovíngio, apresenta-nos H. MÜLLER-BRAUEL (1) uma conta «agri» que na realidade foi um achado isolado, sem dúvida pertencente aos cemitérios saxónicos de 200-500 de J. C., dos arredores de Bützfleth.

Acerca deste achado emitiu P. REINECKE (2) uma opinião clara e evidente, e reporta-se ao estudo de TISCHLER que já tinha aparecido há quarenta anos (3). Deste modo, um perito indiscutível confirmou cabalmente TISCHLER, seu colega ilustre.

Esta posição, contudo, não deu os frutos que seriam para desejar, pois em 1927 lê-se em BOELES (4) qualquer coisa sobre a origem alexandrina duma conta «agri», que, além disso, ele atribui ao século I de J. C. Em 1928 (5) intervém de novo P. STAUDINGER na discussão. Mas o facto de ele falar em «Überfangperlen» mostra logo como, na realidade, era tão pouco conhecedor do assunto. A opinião acertada de REINECKE e, por consequência, de TISCHLER, é posta levianamente de parte, como errada. Quando em seguida afirma que em Veneza não se encontrou vestígio algum desta espécie de contas, engana-se totalmente, pois ainda hoje ali se encontram tais vestígios (Est. I-3). As *millefioristübchen* (varetas *millefiori*) que actualmente se fazem na Alemanha, em Neu-Gablonz (6),

(1) Müller-Brauel, H., «Sächsische Friedhöfe bei Stade», *PZ.* 17, 1926, 149.

(2) REINECKE, P., «Zur Glasperle von Bützfleth b. Stade», *PZ.* 18, 1927, p. 300.

(3) Infelizmente não nos foi possível consultar em lugar algum a conferência impressa de C. DREYSIGACKER, mencionada por REINECKE.

(4) BOELES, P. C. J. A., *Friesland tot de elfde eeuw* (1927) 106 Est. 23, 7.

(5) STAUDINGER, P., «Über die Bützflether Überfangperle», *PZ.* 19, 1928, 374.

(6) O Snr. Kuttik, de Neu-Gablonz, teve a amabilidade de me acompanhar a várias fábricas modernas de contas, que na maior parte estavam consideravelmente mecanizadas. Apenas o Snr. Mit-lehner possuía uma oficina muitíssimo interessante.

e cujo fabrico em oficinas dispersas se torna demasiado caro, compram-se por isso mesmo já trabalhadas, provenientes de Veneza-Murano. Notam-se facilmente, na gravura (Est. I-4), de um exemplar de Neu-Gablonz, do ano de 1960, os topos das nossas contas «agri» seccionadas transversalmente. Noutra lugar trataremos dos restos de um fabrico do século XIX.

Mais uma vez tem a palavra P. REINECKE <sup>(1)</sup>, que considera importante marcar de novo a sua posição. Afirma ele, o que ainda hoje novamente, após trinta e quatro anos, se pode confirmar, que TISCHLER tinha absoluta razão nas datas que propôs. Transcrevo na íntegra as palavras de REINECKE: «O tipo de contas «agri» não pertence à época pré-romana, nem à romana, nem tão-pouco à época merovíngia-carolíngia dos começos da Idade Média, porquanto, entre os milhares de contas de vidro exumadas de jazigos antigos, tanto pré-históricos como proto-históricos, resultantes de escavações modernas, levadas a efeito por toda a parte, nunca se encontraram quaisquer exemplares desta espécie ou de forma semelhante.»

Esta afirmação do velho mestre REINECKE devia ser tão considerada quanto na realidade ela o merece, visto que nada até hoje se modificou da sua validade. REINECKE destruiu facilmente todos os argumentos de STAUDINGER e com isso poderíamos dar por terminada a discussão, pois o que P. STAUDINGER ainda tentou opor às considerações de REINECKE não passou de palavras vãs. Em face dos estudos aprofundados de REINECKE, é impossível tomar a sério os relatórios de viagens de STAUDINGER <sup>(2)</sup>.

WHEELER <sup>(3)</sup> refere-se no seu Catálogo da Saxónia, de maneira interessante, a uma conta «agri» de Brick Lane e, embora se não conheça conexão alguma

---

<sup>(1)</sup> REINECKE, P., «Das Alter der Aggryperlen», *PZ.* 20, 1929, 278.

<sup>(2)</sup> O que acima dizemos não significa que uma ou outra vez P. REINECKE também não se haja enganado. Mas, na parte que se refere a esta questão, com toda a certeza que não se verificou tal facto.

<sup>(3)</sup> WHEELER, R. E. M., *London and the Saxons*, Londres, Mus. Catalog N.º 6, 1935.

dela com quaisquer escavações, considera-a sem dúvida dessa proveniência. Quanto a uma conta «agri» encontrada por M. CARDOZO (1) no Monte de Sabroso e considerada antiga, frisa P. REINECKE na sua crítica à 2.ª edição de *Citânia e Sabroso*, que ela na realidade pertence a tempos mais modernos.

Sob muitos aspectos está cheio de ensinamentos o trabalho de K. KRIEGER (2), o qual, como etnógrafo, tratou das contas africanas e entre elas, das contas «agri». Mostra, por exemplo, que em África este nome não designa unicamente contas do tipo a que nos vimos referindo. Isto não impede o emprego de tal nome no sentido que TISCHLER lhe dá. Embora KRIEGER tenha tratado este tema das contas tão bem e de modo tão interessante, não podem os pré-historiadores estar de acordo com todos os seus pontos de vista. Seria, por exemplo, razoável que se acabasse de vez com a lenda da expansão do comércio do vidro atribuída aos Fenícios. Até agora, não se provou por exemplo que tivesse havido um mercado de contas de vidro na Guiné cerca do ano 600 a. C., ou no século V a. C., e tudo leva a crer que na realidade não existiu.

R. MAUNY (3) frisa que, designadamente em África, existe uma certa variedade de contas a que se não pode dar o nome de «agri». Analisa em seguida as notícias dos escritores acerca do tráfico de contas e mostra como é possível acompanhá-lo desde o século xv ao xviii, como depois se tornou raro e como, por causas desconhecidas, desapareceu. Começou-se então no século xx a fazer escavações e o segredo que envolvia as contas nelas encontradas fez renascer a crença nas viagens comerciais regulares dos velhos fenícios para o Golfo da Guiné. Afirmava-se que eles deveriam ter sido os portadores das pretensas contas «egípcias» em todas as direcções do mundo antigo. Infelizmente, até agora

---

(1) CARDOZO, M., *Citânia e Sabroso. Notícia descritiva para servir de guia ao visitante*. Guimarães (1938<sup>2</sup>), gravura 60. — Crítica de P. REINECKE, *Germania* 23, 1939, 2.ª e 3.ª edição 1948, Est. 34, 3.

(2) KRIEGER, K., «Studien über afrikanische Kunstperlen», *Baessler Archiv* 25, Berlim 1943, pp. 53 ss.

(3) MAUNY, R., «Que faut-il appeler «pierres» d'agries», *Notes africaines* 42, 1949, p. 33.

não temos qualquer prova definitiva dessa afirmação; nem sequer sabemos que contas eram feitas no Egipto e para onde eram eventualmente levadas. Limitamo-nos, apenas, a um «diz-se».

Ficamos surpreendidos ao ler em MONOD (1), que reproduz três destas contas, a afirmação de que esta espécie é antiga e aparece na Europa desde a Idade do Bronze. Pelas sequentes considerações deduz-se, o que é para nós novo motivo de surpresa, que os negros de África são capazes de distinguir com precisão as contas antigas das modernas, o que os europeus não conseguem. A razão desta afirmativa reside no facto de MONOD meter todas as contas de cores variadas num mesmo vaso, e deste modo comparar coisas sem comparação possível. O ignorante africano, porém, fixa as coisas de uma maneira verdadeiramente simples e despreziosa. E se nós também assim procedermos, teremos forçosamente de distinguir as diferenças.

Entretanto, tentou-se esclarecer a questão da antiguidade — que na realidade não existe — por modernos processos científicos. Uma análise química feita na Sorbonne, Paris (2), não trouxe conclusão alguma concreta visto basear-se nas análises já antiquadas de B. NEUMANN (3). Como até agora poucas experiências se fizeram e não existem suficientes pesquisas em série e de grande envergadura, ainda mesmo actualmente devemos ter o máximo cuidado na apreciação das análises químicas, espectroquímicas e radiográficas do vidro antigo. FOURNEAU cita MAUNY, que diz, com razão, que «todo o trabalho sobre as contas africanas ainda está por fazer». Os bons trabalhos, até agora, ainda não passaram da fase inicial. Mas esta mesma observação pode generalizar-se a todas as contas antigas. Em suma, se datamos as con-

(1) MONOD, TH., *Perles anciennes connues au Portugal et en Afrique noire occidentale*. Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais. 2.<sup>a</sup> Conferência, Bissau 1948, vol. IV. Trabalhos apresentados à 3.<sup>a</sup> secção (Meio Humano), 1.<sup>a</sup> Parte (Lisboa 1952), p. 389

(2) FOURNEAU, J., «Sur les perles anciennes de pâte de verre provenant de Zanaga (Moyen Congo)», *Bulletin de l'Institut français d'Afrique noire* 14, 1952, pp. 957 ss.

(3) NEUMANN, B., vários trabalhos em *Zeitschrift f. angewandte Chemie* 28, 1915, p. 776; 40, 1927, p. 963; 41, 1928, p. 203; 42, 1929, p. 835.

tas «agri» entre os anos 1500 e 1800 da nossa era, não estaremos certamente longe da verdade. De novo se ocupa FURNEAU deste tema <sup>(1)</sup> e mais uma vez se destacou a vastidão da literatura existente sobre o vidro antigo, sem que novos estudos críticos apareçam, baseando-se sempre aqueles antigos na hipótese fascinadora de que «todo o vidro primitivo tinha de ser egípcio». Acumularam-se notícias importantes, mas, infelizmente, também não se foi além de suposições, possibilidades e probabilidades. Todos os erros existentes até agora na apreciação das contas antigas derivaram simplesmente de se terem aceitado notícias da literatura da especialidade sem qualquer revisão e sem terem sido apreciadas e verificadas com a necessária minuciosidade crítica. Outras vezes não se prestou a devida atenção a referências oportunas <sup>(2)</sup>.

Na «Revista de Guimarães» <sup>(3)</sup> ocuparam-se três eruditos portugueses do problema, e uma lista bibliográfica de quinze trabalhos sobre as contas «agri» nela inclusa mostra bem o interesse que esta espécie de contas desperta. A origem antiga é sempre defendida, mas a condição essencial, isto é, uma prova da existência destas contas em sepulturas ainda intactas e por datar, ou nos estratos de jazidas postas a descoberto em modernas e bem executadas escavações nunca em parte alguma se verificou, porque de facto não é verificável. É sempre verdade o que H. SCHAEFER disse em 1906 <sup>(4)</sup>: «Os erros mais absurdos são aceites com maior facilidade do que a verdade pura.

---

(1) FOURNEAU, J., «Recherches sur l'origine des perles de Zanaga», *Bulletin de l'Institut français d'Afrique noire*. Série B, Sciences Humaines, 16, 1954, pp. 1 ss.

(2) HELL, M., «Farbige Glasperlen aus Oberösterreich und Salzburg (Schnellfingerl)», *Archaeologia Austriaca* 14, 1954, p. 84.

(3) *Revista de Guimarães*, vol. LXV, 1955, pp. 133-144: CARDOZO, M., «Breves notas acerca de um tipo conhecido de antigas contas de vidro policromas»; CHAVES, L., «Contas de pasta vítrea policrómicas do Museu Etnológico»; CORDEIRO DE SOUSA, J., «As grandes contas vítreas multicolores do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa».

(4) SCHAEFER, H., «Die angeblich ägyptische Figur aus Rhodesia», *ZfE*. 38, 1906, 904.



J. LECLANT (1) cita esta frase num pequeno trabalho mas digno de ser lido e chama a atenção para uma nota apensa, completamente isolada e incompreensível, dada sob a gravura de uma série de contas «agri», apresentadas numa fotografia fluorescente. Supõe-se que tivesse querido evidenciar o contraste entre as contas antigas e modernas. Da gravura nada se deduz, afinal, e da legenda só se depreende que a fluorescência era diferente. Mas por que não havia a fluorescência de ser diversa se, por exemplo, numa das contas, a cor azul era produzida pelo cobre, e, na outra, pelo aditamento de cobalto? Ao ponto a que chegou o nosso conhecimento actual, uma tal radiografia de nada serve e, muito menos, de prova.

Em 1957 refere-se R. MAUNY (2), muito bem e acertadamente, a estas contas e afasta completamente a hipótese de uma origem antiga, apontando também Veneza como local de origem. Cita o Abade DRIOTON que pretendia considerar as contas como árabes, o que seria uma nova hipótese. DRIOTON diz que se na realidade se encontraram tais contas em jazigos tebanos, só podia ter sido porque estes, desde a Idade Média e alguns até hoje, foram ocupados pelos Árabes como habitações e estábulos, e por seu intermédio as contas lá teriam ido parar. Também DRIOTON não as considera antigas. MAUNY diz que as mais antigas contas desta espécie que conhece foram exumadas por MILLOT (3) em Madagáscar e provêm de colónias árabes do século xv de J. C., eliminadas pelos Portugueses nos princípios do século xvi. MAUNY, que confessa nunca ter encontrado uma conta destas em escavações antigas, aprecia resumidamente algumas das consideradas como antigas, dizendo: «Il y a un point commun entre toutes les références: aucune

---

(1) LECLANT, J., «Egypte-Afrique. Quelques remarques sur la diffusion des monuments égyptiens en Afrique», *Bull. de la Soc. française d'Égyptologie* 21, 1956, 33.

(2) MAUNY, R., «Note sur l'âge et l'origine des perles à chevron». *Notes Africaines* 74, 1957, 46-48. *Bulletin d'information et de correspondance de l'Institut français d'Afrique noire (IFAN)*.

(3) MILLOT, J., «Considérations sur le commerce dans l'Océan Indien au Moyen Age et au Pré-Moyen Age à propos des perles de Zanaga», *Mém. Inst. Soc. de Madagascar*, Ser. C, tomo 1, fasc. 2, 1952, 159-165.

perle citée n'a été trouvée dans des conditions archéologiques pouvant prouver une ancienneté certaine» — afirmação que TISCHLER já tinha feito há setenta e dois anos e REINECKE repetido vinte e nove anos antes.

Mas ainda não chegamos ao fim. No Catálogo da Exposição de Arte Antiga Irlandesa (1) uma conta «agri» procedente do *Ringwall* (antigo povoado fortificado) «Navan Rath» é atribuída lacònicamente sob o número 123, ao século I de J. C. Por uma informação obtida, ficámos elucidados de que a peça pertencia a uma velha colecção que continha outros objectos autenticamente antigos encontrados no mesmo *Ringwall*. Este não tinha sido escavado sistematicamente e não existia relatório algum que pudesse fazer luz acerca destes objectos da Idade do Ferro. É o caso de Sabroso: um exemplar isolado, de uma época posterior ao ambiente arqueológico em que foi encontrado.

Finalmente, o tema foi retomado em 1960 (2) e, após certa hesitação, sugeriu-se uma nova análise dos achados para a fixação de uma data exacta. Contudo, se relêssemos ainda uma vez esta nossa compilação, parece-nos que já nada encontraríamos a verificar, pois raras vezes se nos deparam tão claras evidências, como no caso presente. Tal como M. HELL afirmou aludindo a «Schnellfingerl» (cf. nota 2 de p. 306), poderíamos dizer: «É certo que estas contas «agri» já ultrapassaram o âmbito da tipologia pré-histórica, e converteram-se num assunto de interesse etnográfico».

Uma vez que temos de pôr completamente de parte a hipótese de uma origem antiga destas contas, devemos pelo menos tentar conseguir para elas uma data certa. Temos a vantagem de conhecer alguns vasos de vidro de cuja origem veneziana não há que duvidar. Gostaríamos até de lhes poder chamar *vidros de contas «agri»*, pois o que vemos neles são como que secções de contas espalhadas pelas faces do vaso, que tanto aparecem em corte

(1) *Frühe irische Kunst* (1959) N.º 123. (Berlim-Munique-Hamburgo-Düsseldorf). Amável informação dada em carta por J. RAFTERY — Dublin, 30-10-1959.

(2) GREIFENHAGEN, A., «Glasperle mit Sternmuster (chevron bead)», *Analecta Archaeologica* (1960), p. 29.

transversal, como oblíquo ou lateral. Infelizmente, as reproduções que damos, a preto e branco, não mostram como as cores desses cortes são as mesmas das contas. O lindo frasco (1) da Yale University Art Gallery (Est. III-2) (2) é datado do século xv-xvi; as duas taças de Veneza (3), que infelizmente se perderam durante a guerra, foram datadas por R. SCHMIDT como aproximadamente do ano 1500 (Est. II-1). Os fragmentos de vidro de Menges (4) (Est. II-3), do século xv-xvi, foram exumados do solo. Procedentes do comércio de objectos de arte, são conhecidos: um pequeno vaso sem designação do local do aparecimento, no Museu Arqueológico de Beirute (5), um jarro do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (6) (Est. II-2) e, finalmente, o vaso com guarnição de bronze (Est. III-1) da Slade Collection (7), que talvez originariamente tenha tido a mesma forma do frasco atrás mencionado, da Galeria de Arte da Universidade de Yale. Depois de partido o gargalo é que lhe teria sido colocado o reforço da guarnição de bronze.

Todos estes vasos devem remontar, mais ou menos, ao período entre os séculos xv-xvi, e talvez que, juntamente com as contas, marquem o início destes modelos artísticos e da sua técnica.

Como se vê pelas contas modernas (Est. I-3 e 4) (8) este antigo modelo ainda não passou de moda. Sem dúvida que à primitiva série pertence também o colar

(1) EISEN, G., e KOUCHAKJI, F., *Glass* (1927) 720 Est. X.

(2) Por amabilidade da Yale University Art Gallery.

(3) SCHMIDT, R., *Das Glas* (1922) 87 Grav. 51.

(4) Menges (Mannsburg), srez Ljubljana, Jugoslávia. Mus. Ljubljana R 6900. Bibl.: SMD, W., «Altslovenische Gräber Krains», *Carniola* 1, 1908, 36. — J. Kastelic — Ljubljana deu-nos autorização para a reprodução destes fragmentos, gesto que muito agradecemos.

(5) Inv. N.º 3754. D. C. Baranski — Beirute, autorizou-nos a publicação, o que muito agradecemos.

(6) Inv. N.º 3584.

(7) NESBITT, *Catalogue of the Slade Collection of Glass*, Londres 1871, Trustees Brit. Mus. Londres.

(8) Oficina de Mitlehner, Neu-Gablonz, 1960; contas de Veneza 1956.

encontrado na escavação de um túmulo americano (1) (Est. I-6), que pode ser um afeiçoamento arredondado da antiga forma inicial.

\*

Muito amavelmente, J. VAN DER SLEEN (2) forneceu-nos o seguinte suplemento ao nosso estudo:

«Pelo que atrás ficou dito, não se pode afirmar que as contas «agri» (*chevron pattern beads*, *Rosettaperlen* ou *star-beads*) tenham origem antiga.

Um feliz acaso abriu uma nova pista. Na Primavera de 1960 encontrei em diversos locais dos arredores de Amsterdão, em campos recentemente lavrados, algumas contas de vidro, umas perfeitas e outras deformadas, juntamente com detritos que só poderiam ter vindo do lixo de qualquer oficina. Podem-se explicar da seguinte forma estes achados nos campos: sabe-se, por notícias escritas que os detritos de Amsterdão eram sempre dragados dos numerosos canais e levados, como adubo, para os parques de recreio e terras dos palacetes de caça dos habitantes ricos da cidade.

Também, para elevar a superfície do terreno das hortas muito baixas, era empregado o lixo da cidade. Razão pela qual se encontram nesses campos pequenos cachimbos do tabaco (anteriores a 1650), fragmentos de louça alemã datada de 1633, 1640, etc., restos de porcelana chinesa, de majólica holandesa antiga e outros objectos semelhantes. No Arquivo de Amsterdão, pude encontrar provas de que no século xvii existira ali a indústria de contas de vidro. No início do século xvii certo comerciante abastado, que era um dos directores da Companhia das Índias Orientais, trouxe de Veneza-Murano alguns mestres da indústria do vidro, com suas ferramentas, e instalou-os em Amsterdão, onde ficaram trabalhando *à la façon de Venise*. Supõe-se que este tra-

---

(1) Agradeço a gravura a M.<sup>elle</sup> B. Merzel e a K. Krieger, Berlim.

(2) O dr. J. van der Sleem, Naarden, Holanda, tem-se ocupado desde há muito das contas de vidro e sua origem. Agradecemos cordialmente a sua colaboração.

balho tenha durado desde 1608 a 1680. Devem ter sido fabricadas, especialmente, contas multicolores, às riscas (1). Mas também se encontrou uma grande quantidade de contas «agri» de vários tamanhos. Podemos, portanto, considerar com exactidão Veneza e Amsterdão como centros de fabrico destas contas e do mesmo modo lhes podemos assim fixar a respectiva data.»

J. V. D. SLEEN

## INVENTÁRIO DOS ACHADOS

A maior parte das indicações da lista seguinte foi tirada de uma bibliografia já antiga. É natural que, entretanto, se tenham modificado as indicações das colecções e museus. Contudo, um grande número de exemplares pode ser identificado nos respectivos lugares. É possível também que já existam muitas mais peças em museus ou em colecções particulares. Mas isso em nada modificará o conceito de que não se trata de achados de uma época verdadeiramente antiga. No respeitante aos achados americanos, é evidente que se trata de objectos posteriores à conquista.

### A L E M A N H A

- Bütz feth*, Distrito de Kehdinger, Hanôver. Bibl.: H. MÜLLER-BRAUEL, «Sächsische Friedhöfe bei Stade». PZ 17, 1926, 149.
- Hamburgo, Dammtorwall*. Museu de Arte e Indústria, Hamburgo, N.º 1927, 6.
- «*Leipzig*». Museu de Arte e Indústria, Hamburgo, N.º 1877, 975.
- Lüneburg*. Duas contas. Museu de Hanôver. Bibl.: J. BRENT, «On glass beads with chevron pattern». *Archaeologia* 45, 1880, 297-308. Est. 22.

(1) No British Museum, Londres, secção de Pré-História, 92. 4-21-81-82 há duas destas contas, de corpo branco leitoso, com riscas vermelhas e azuis. Foram compradas em Veneza, em 1820 (HCK).

- Neustadt-Rennsteig*, Distrito de Hildburghausen, Turingia. Museu de Meiningen, Museu de Coburgo, Sondershausen e Palácio de Gehren. Bibl.: O. TISCHLER, «Über Aggryperlen und über die Herstellung farbiger Gläser im Altertum». *Schriften der physikalisch-ökonomischen Gesellschaft zu Königsberg* 27, 1886, Actas 5-15 (1887). — Mareile. (Ver nota 5 de p. 298).
- Oetendorf*. Distrito de Stormarn. Schleswig-Holstein. Bibl.: Idem. «*Na região do Reno*» nos Museus de Mannheim e Baden (onde, na realidade, não existe exemplar algum). Bibl.: na versão de B. NIGHTINGALE, S. S. HALDEMAN, «On a polychrome bead from Florida». *Smithsonian Report* 1877, pp. 302 ss.
- Sottorf*, Distrito de Lüneburg, Hannover. Bibl.: O. TISCHLER, *op. cit.*
- Local desconhecido*. Berlim, Antiquarium. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido*. Berlim, Secção Egípcia. Bibl.: ARRIENS, C., «Die Schmuck- und Handelsperlen Afrikas». *Koloniale Rundschau* 25, 1933, Separata comemorativa de Hans Meyer, Leipzig, p. 186.
- Local desconhecido*. Hamburgo, Museum für Kunst und Gewerbe N.º 1896, 488.
- Local desconhecido*. Hamburgo, Museum für Kunst und Gewerbe N.º 1917, 708.
- Local desconhecido*. Achado isolado. Museu de Kiel.
- Local desconhecido*. Corte transversal de uma conta. Würzburg. Museu Martin von Wagner 1731.

## DINAMARCA

- Skoerpinge*. Posto de Aalborg. Jutlândia. Museu de Copenhague N.º 5211. A peça deve ter sido descoberta num túmulo e foi comprada. Bibl.: segundo MORLOT-LAUSANNE, *Proceedings Am. Philosoph. Soc. Nov.* 1862, 111-114 e 119-120, em: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*

## SUÉCIA

- «*Perto de Estocolmo*». Museu de Copenhague, N.º 12, 390 Lit.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*

## GRÃ-BRETANHA

- Caerlon*. Monmouthsh. Museu de Caerleon, Col. Hooper. Lit.: J. BRENT, *op. cit.*
- Canterbury*. (?) Possuidor: Cecil Brent. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Catherington House*, Horn Dean, Hants. Encontrada no jardim de Miss Lowell. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- «*Junto de Eastrý*». Kent. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*

- Elham*. Kent. Juntamente com outras contas modernas, Col. Mayer. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Gilton*. Kent. Possivelmente de um túmulo. Museu de Liverpool, Col. Mayer 6363. Bibl.: versão de FAUSSETT, *Inventorium Sepulchrale*, 1866, Est. 5-2 cm: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*
- Greta*, junto a Keswick. Westmoreland. Encontrada durante uma pescaria. Possuidor: B. Nightingale. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Londres, no Tamisa junto da «London Bridge»*. Londres, Brit. Mus., Col. Lucas-Ashborne, Derbyshire. O exemplar deve ser moderno porque a camada exterior não é azul mas sim verde — segundo AKERMAN. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Londres* (?) Brit. Museum, Londres. Bibl.: Idem.
- Londres*, Brick Lane. Londres, Brit. Museum. Bibl.: WHEELER, *London and the Saxons*. Londres, Mus., *Catálogo N.º 6*, 1935, 117. Grav. 9.
- Maes-y-Pandy*, Merionethshire, Escócia. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Ozengell*. Kent. Inglaterra. Museu de Liverpool, Col. Rolfe 7338. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- «*Richborough*», Kent. Inglaterra. Fragmento. Londres, Brit. Museum, Secção de Pré-História, v. Stephens, Tonbridge, Kent. N.º 1927. 7-8. 2.
- Somersetshire*. Possuidor: J. Brente. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Southampton*. Inglaterra. Anticamente na Col. King. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Tenterden*. Kent. Inglaterra. Col. Mr. Brothers of High Street, Ashford. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Wincheap* junto a Dover. Inglaterra. Canterbury Museum. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Wye*. Kent. Inglaterra. No poço de uma casa junto da igreja. Possuidor: J. Brente. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido*, 2 exemplares — segundo BRENT 5, alguns dos quais com caneluras como nas gravuras 1, 2, 3. Londres, Brit. Museum, Col. Slade. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*
- Local desconhecido*. Londres, Brit. Museum. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido*. Londres, Brit. Museum. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido* 2 exemplares. Londres, Brit. Museum, Col. I. E. Gray. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido*. Uma caixa cheia de contas «agri». Londres, Brit. Museum, Secção Greco-Romana.
- Local desconhecido*. Col. Duc de Blacas. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido*. Col. J. Evans. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido*. Jermyn Street Museum, oferta de H. R. Lloyds, Carew, Pembrokeshire. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*

- Local desconhecido.* Fragmento. Museu de Liverpool, Col. Mayer N.º 7187. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*—*Archaeologia* 35, 1851, Est. 5, 10.
- Local desconhecido.* Museu de Liverpool, Col. Mayer N.º 6688. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido.* Duas peças. No catálogo original do Ashmolean Museum, de Oxford. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido.* Três peças. De R. Colt Hoare, que as comprou a Douglas e este a Stukely. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- «*Inglaterra*», diz-se que achada juntamente com objectos romanos. Museu desconhecido. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*—*Proceedings Brit. Arch. Assoc.* 1848, Vol. 3, 328.
- Local desconhecido.* Museu desconhecido. Bibl.: WALLACE-DUNLOP, *Glass in the old world.* Est. VI, 4.
- Local desconhecido.* Museu desconhecido. Bibl.: J. WARD, *The Roman era in Britain.* Londres 1911, 273. Grav. 76.

## IRLANDA

- Navan Rath* em Armagh. Achado isolado. Dublin, Museu Nacional 1906:130. Bibl.: Exposição de Arte Antiga Irlandesa, 1959, N.º 123.

## HOLANDA

- Stavoren.* Prov. da Frísia. Bibl.: BOELES, *Friesland tot de elfde eeuw.* 1927, 106. Est. 23, 7.
- Wijk*, junto a Duurstede. Nieuwenhuis, A. W., «Kunstperlen und ihre kulturelle Bedeutung». *Internationales Archiv für Ethnographie* 16, 1904, 136-154.
- Local desconhecido.* Uma conta inteira e um fragmento. Leiden, Reichsmuseum, Col. van der Meulen.

## BÉLGICA

- Local desconhecido.* Contas entre achados proto-cristãos. Lüttich, Musée Curtius.

## FRANÇA

- Pornic.* Bretanha. Achado isolado. Mus. Nantes. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido.* Entre objectos árabes do Egipto, na Exposição Universal de Paris de 1878. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido.* Paris, Louvre Bj. 598.



## PORTUGAL (\*)

- Monte de Sabroso.* Mus. Guimarães. Bibl.: M. Cardozo, *Citânia e Sabroso. Notícia descritiva para servir de guia ao visitante.* Guimarães, 1948. Est. 34-3. Crítica de P. REINECKE, *Germania* 23, 1939, 280.
- Sernancelbe.* Prov. Beira. Portugal. Bibl.: MONOD, TH., *Perles anciennes connues au Portugal et en Afrique noire occidentale.* Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais. II Conferência, Bissau 1947, Vol. IV. Trabalhos apresentados à 3.ª Secção (Meio Humano), 1.ª parte, Lisboa 1952, p. 389, Fig. 3.

## ITÁLIA

- Itália?* Londres, South Kensington Museum, de G. Chester. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido.* South Kensington Museum, Col. J. Webb. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Sul de Itália.* Vareta *millefiori* da qual foram cortadas as contas. Londres, Brit. Mus., Col. W. Hamilton. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido.* Bolonha, Museo civico, N.º 3098 (?).
- Local desconhecido.* Roma-Vaticano. Museo Gregoriano (conta seccionada).

## ÁUSTRIA

- Gnigl.* Salzburg. Col. Hell-Salzburg. Bibl.: *Prähist. Zeitschrift* 18, 1927, 301.
- Local desconhecido.* Duas contas e um fragmento. Viena, Museu da Indústria. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*

## GRÉCIA

- Corfu?* Londres, Brit. Museum, Col. Woodhouse. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Local desconhecido.* Bibl.: Col. Lambros, Atenas. Leilão 1912, 23 Est. 22.

---

(\*) Os lugares de procedência de contas «agri» em Portugal são muito mais numerosos do que os indicados aqui. Mais de uma centena de contas deste tipo existem em museus portugueses — no da Sociedade de Geografia de Lisboa, Etnológico de Belém, de Antropologia da Universidade do Porto, de Martins Sarmento, em Guimarães, etc. — encontradas no Minho, Trás-os-Montes, Beira, Estremadura e Algarve (vide *Revista de Guimarães*, vol. LXV, pp. 134-35). A própria autora deste artigo admite a hipótese de já se terem modificado as indicações das coleções e museus (p. 20). (*Nota da Redação*).

## R Ú S S I A

*Local desconhecido.* Bibl.: N. KACALOV, *Steklo*. Moscovo 1959  
Gravura colorida antes da p. 59 N.º 14.

## L Í B A N O

*Local desconhecido.* Universidade Americana, Beirute, Museu, N.º 125.

*Local desconhecido.* Universidade Americana, Beirute, Museu, N.º B  
58 130.

## S Í R I A

*Damasc.* Colar do século XVIII, contendo algumas contas «agri».  
Lüttich, Musée Curtius.

*Local desconhecido.* Comprada em Damasco. Londres, Brit. Museum,  
secção do Próximo Oriente 1951. 7-14. 72.

## I S R A E L

*Palestina.* 3 contas. Col. Neuburg — Tel Aviv. Bibl.: F. NEUBURG,  
*Glass in Antiquity*, 1949, Est. 32, 114.

## Á F R I C A

As inúmeras citações de contas africanas não foram aqui reunidas, pois pertencem ao domínio da Etnografia e não ao estreito âmbito deste pequeno ensaio. Só mencionamos o que tem a indicação de «antigo».

*Abu Geili*, Sudão. Bibl.: WELLCOME, *Excavations in the Sudan III*,  
Est. XLVIII, B 1. (Entre 1600 e 1700 de J. C.)

«Egipto». Paris, Louvre, da Col. Clot-Bey (apresentada quase totalmente com achados de mercadores). N.º N 1945.

«Egipto». 5 contas. Paris, Louvre, N.º 1205. Secção egípcia.

«Egipto». 2 contas. Paris, Louvre, N.º 451. Secção egípcia.

*Dakkeeb*. Núbia. Achado isolado. Londres, Brit. Museum 6294 d.  
Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*

*Ekhmim*. Egipto. Londres, Brit. Museum, Secção Greco-Romana  
87. 7-6. 22.

*Keneb ou Cairo?* Uma conta, comprada. Oxford, Ashmolean  
Museum 1892. 694.

*Local desconhecido.* comprada no Cairo. Cairo, Museu de Arqueologia N.º 27 058 (?)

- Sakkara*, possivelmente Egipto. Três contas. Col. Egípcia da Historical Soc. de Nova Iorque, Col. Dr. Abbott. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Angola*. Museu de Etnografia, Berlim. Bibl.: C. ARRIENS, «Die Schmuck- und Handelsperlen Afrikas». *Koloniale Rundschau* 25, 1933, edição especial comemorativa de Hans Mayer, Leipzig, p. 186.
- Kumasi*. Costa do Ouro. Não considerada pelos Achantis como antiga. Bibl.: *Arch. Journal* 31, 1874, p. 302.
- África*. Paris, Musée de l'Homme 34. 106. 236.

## E. U. DA AMÉRICA

- Black Hammock*, perto de Mosquito Inlet. Florida. Possuidor: A. M. Harrison. Bibl.: HARRISON, A. M., «Coloured bead sug from a mound at the extreme North end of Black Hammock, three miles west of Mosquito Inlet, eastern coast of Florida». *Smithsonian Report* 1877, 305.
- Tioga County*. Pennsylvania. Túmulo. Col. Haldeman. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*
- Florida* Achado isolado. United States National Museum. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*
- Hamburg*. Erie. Nova Iorque. Túmulos índios. Levadas por colonos franceses. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Lago Erie*. Pennsylvania. De uma escavação junto da margem do lago. Museu de Nova Iorque. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*
- Santa Barbara*, Califórnia. United States National Museum. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*
- Susquehanna*. Pennsylvania. Encontrada durante as escavações do canal de Pennsylvania, em 1830. Col. Haldeman. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.* — *Proceedings Am. Phil. Soc.* Maio de 1869, Vol. 11, 369.
- Turkey Hill*, Columbia, Pennsylvania. Col. Thos. Masterson, Columbia. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*
- Local desconhecido*. Boston, Museum of Fine Art. Bibl.: J. BRENT *op. cit.*

## CANADÁ

- Beverly*, Dundas. Canadá Ocidental. 5 contas encontradas num jazigo. Talvez de colonos europeus, franceses. Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*

## BRASIL

- Mundo Novo*, Prov. Rio Grande do Sul. Bibl.: O. TISCHLER, «Über Aggryperlen», *op. cit.*

## PERÚ

*Ancon.* Túmulos. Berlim, Museu de Etnografia. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*

*Lima.* United States National Museum, Nova Iorque, Bibl.: S. S. HALDEMAN, *op. cit.*

*Perú.* Museu de Liverpool. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*

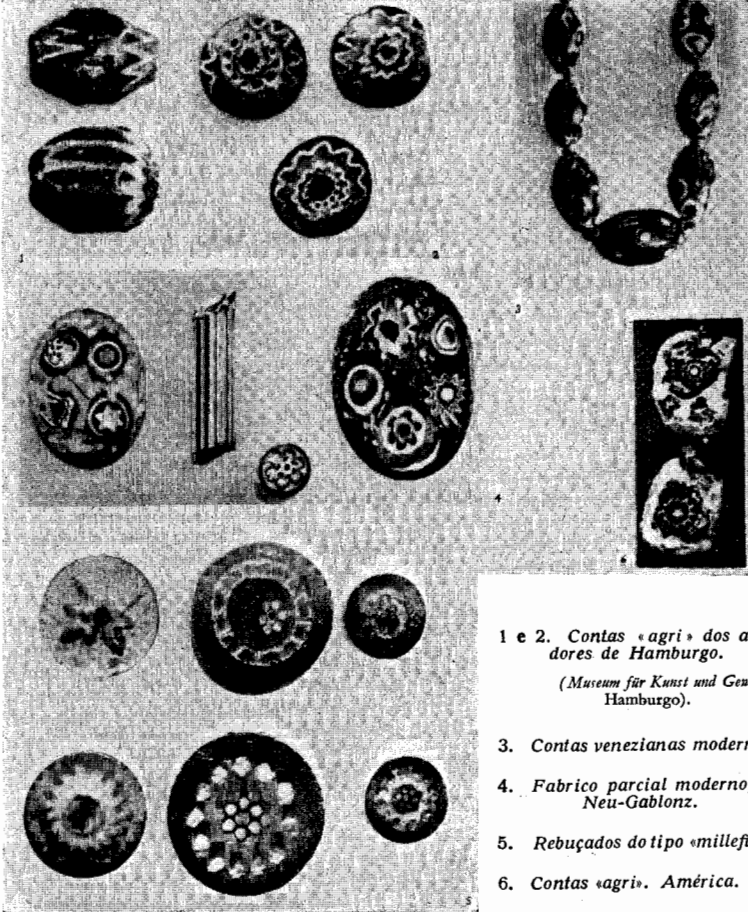
## OCEÂNIA

*Bornéu.* Mus. Leiden. Bibl.: A. W. NIEUWENHUIS, *op. cit.*

*Minabassa.* Celebes. De uma sacerdotiza. Bibl.: A. W. NIEUWENHUIS, *op. cit.*

*Arquipélago de Palau.* 4 contas, propriedade de uma princesa real. Mus. de Hamburgo. Bibl.: J. BRENT, *op. cit.*

*Timor.* Arquipélago de Sonda. Bibl.: A. W. NIEUWENHUIS, *op. cit.*



1 e 2. Contas «agri» dos arredores de Hamburgo.

(Museum für Kunst und Gewerbe, Hamburgo).

3. Contas venezianas modernas.

4. Fabrico parcial moderno, de Neu-Gablonz.

5. Rebuçados do tipo «millefiori»

6. Contas «agri». América.

Esr. II

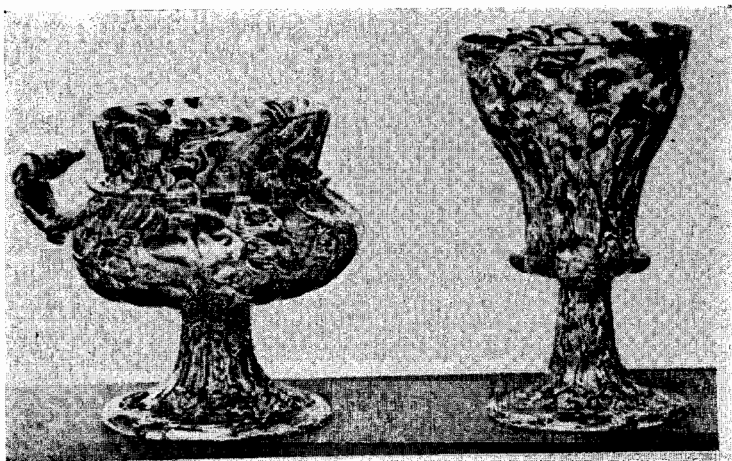


Fig. 1.—*Vasos venezianos.*]

(*Kunstgewerbemuseum de Berlin*).

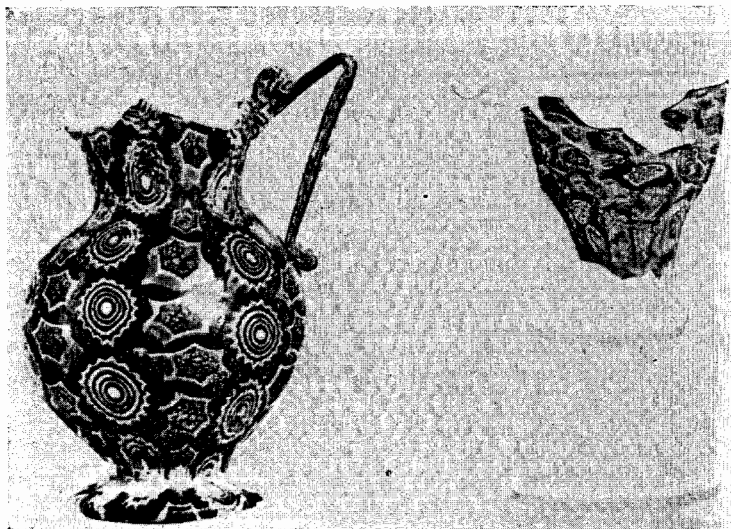


Fig. 2—*Pequena caneca.*

(*Museu de Nápoles*).

Fig. 3—*Vaso de Menges.*

(*Jugoeslavia*).

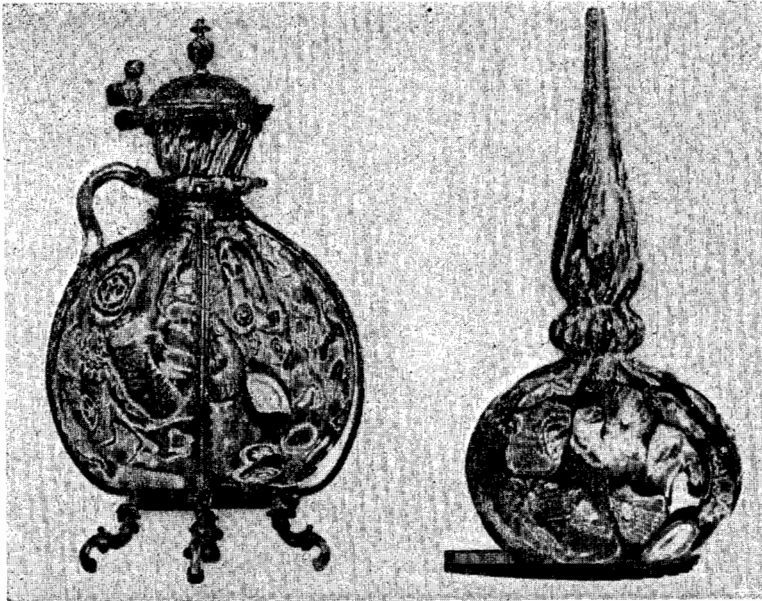


Fig. 1 — Vaso em montagem metálica.

(British Museum).

Fig. 2 — Frasco veneziano.

(Universidade de Yale).